

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII

N.º 623

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
LO SECULO

ARCINDO

LIÇÃO de FÍSICA

POR AGOSTINHO DOMINGUES

Foi numa frígida manhã de inverno, como as dos últimos dias... Maria Teresa pedira ao pai que, antes de ir para o emprego, lósse com ela dar um passeio, enquanto a mãe fazia o café. Saíram...

Porque o sol mal despontava ainda no horizonte, o frio era constante, o que levou Maria Teresa, instintivamente, a soprar nas mãos. Mas qual não foi o seu espanto, ao verificar que deitava pela boca uma espécie de fumo.

— «Paizinho, eu estou a arder!»
— «Não, minha filha, porquê?»
— «Então não vê — (e soprava, aflita) — que deito fumo pela boca?»
O pai, sorrindo-se, sossegou-a:

— «Isso não é fumo.»
— Mas é tal qual como o fumo que sobe na chaminé, quando a mzinha está a acender o lume...»

— «Pois sim, mas não é fumo. E' como outra coisa que tu já tens visto sair das panelas, quando ferverem. Tens reparado?»

— «Então, isso não é fumo? Eu pensava, como elas estão ao lume...»

— «Isso chama-se vapor de água.»

— «Ah!...»

— «A água pode apresentar-se em três estados: sólido, líquido e gasoso. No estado sólido, é o gelo, que se consegue com muito frio, isto é, submetendo a água a uma temperatura muito baixa. Tens visto o gelo que com-



pramos no verão, para refrescar o vinho, não tens? Isso é a água no estado sólido. O estado líquido é o seu estado natural. E' a água corrente, que nós bebemos. E o estado gasoso é aquele em que a água, submetida a uma certa temperatura, se transforma. E' o que tu vês sair das panelas quando ferverem e da tua boca, quando, como agora, está muito frio.»

— «Mas, então, eu tenho alguma panela de água a ferver dentro de mim?»

— «Não, nem é preciso que a água esteja a ferver para se transformar em vapor. A evaporação dá-se sempre, à superfície dos rios, dos lagos e dos mares, mas aumenta com o calor. Ora, nos nossos pulmões há sempre calor e mais ou menos água, já produzida neles, já ingerida na respiração, visto que no ar há sempre água no estado de vapor. De maneira que, quando sopra-



ros, expelimo-la juntamente com outros gases que não são aproveitados pelo sangue.»

— «Mas eu nunca vi isto a sair da minha boca senão hoje...»

— «E' porque não reparaste; e, de resto, tens saído poucas vezes em dias de tanto frio, como está hoje.»

— «Pois com tanto frio é que devia evaporar-se menos água. O paizinho não disse que quanto mais calor estivesse, mais...»

— «Disse e repito-o, minha filha.»

— «Então, não entendo.»

— «E' que o frio de hoje tornou visível o vapor que tu não podes ver quando está calor. Fez voltar o vapor, a pequenissimas gótas de água que, próximas umas das outras, formam essa espécie de fumo. Se puseres diante da tua boca um objecto de superfície fria e fria, um espelho, por exemplo, verás como fica molhado. Dá-se o fenómeno da condensação, isto é, o regresso ao estado líquido. E, se o frio for muito intenso, esse liquido passará a sólido. Compreendes?»

— «Então, a água anda, assim, sempre nessa dança?»

— «E' verdade. Aquelas nuvens que acolá, vês no horizonte, não são outra coisa mais que a água evaporada dos rios e dos mares e condensada em pequeninas gotas.»

— «Como parecem de algodão em rama, às vezes até penso em como seria bom deitar-me nelas...»

— «Pois é delas que provém a chuva. As gotinhas de água tornam-se maiores e caem para a terra. Se, ao atravessarem a atmosfera, encontrarem muito frio, solidificam-se, transformando-se no granizo ou pedrisco, com que tu tanto gostas de brincar.»

— «Paizinho, vamos até à linha, que eu quero ver passar o comboio.»

Foram, e, no caminho, o pai de Maria Teresa teve ensejo de lhe mostrar, numa poça de água, a crosta de gelo que, como chapa de vidro, a tapava.



Quando se entretinham a quebrá-la, ouviram o silvo dum comboio, que se aproximava, resfolgando, numa ladeira. — Vês que também aquela máquina expele fumo, como o que sai da tua boca?»

— E' verdade! E deita tanto vapor!...»

— «Ali tens tu uma das mais belas descobertas dos homens: Aquele vapor que vês sair, é que faz andar o comboio. Desde que se verificou que o vapor, como outros gases, é elástico, isto é, tende sempre a ocupar mais espaço, tratou logo de se aproveitar a sua elasticidade. Mete-se água em grandes caldeiras ou tubos ligados uns aos outros e faz-se ferver. O vapor, que das nossas panelas sai livremente, ali comprime-se de tal forma que rebentaria a caldeira se lhe não dessem saída. Empurra constantemente em todos os sentidos e com tanta força que, onde encontra menos resistência, vence. Ora, o ponto onde há menos resistência é nuns grandes tubos chamados cilindros ou corpo de bomba, dentro dos quais giram uns êmbolos ligados ás rodas da máquina. O vapor empurra esses êmbolos para trás e para diante, e esse movimento é que faz andar as rodas que, por sua vez, puxam o comboio. A tua professora há-de explicar-te isto com mais vagar. Agora, temos de voltar que é tarde.»

Ao chegar a casa, Maria Teresa encontrou o seu café a fumegar, já na mesa e, com ares de sabichona, disse logo à mãe:

— «Já sei o que é isto que está a subir da minha chávena: é vapor.»

E a mãe, muito contente com a esperteza da filha, não se conteve que não a beijasse.

JUSTO CASTIGO

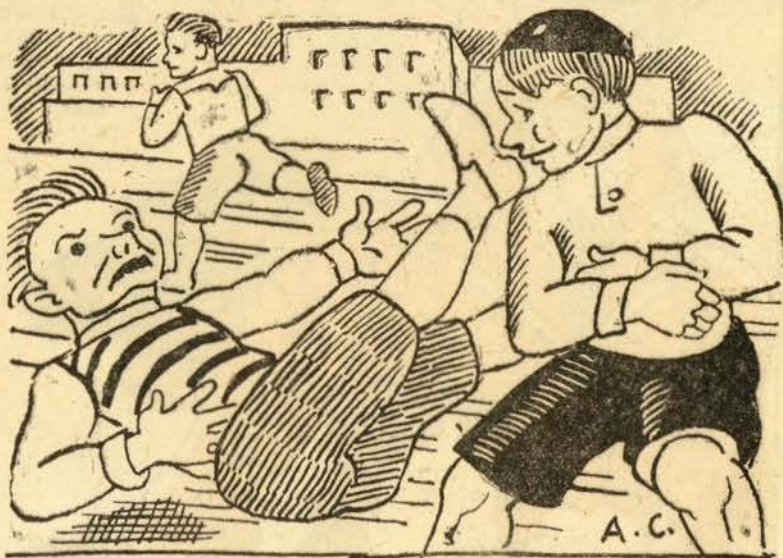
POR ALBERTO NEVES

O Chico mais o Tonéca
Andam sempre em aventuras;
São levadinhos da breca
Com as suas diabruras.

Fazem partidas a meio...
— Desta feita foi na escola,
Quando estavam no recreio,
Lá fóra, jogando à bola;

Ambos, de combinação,
Passaram grande rasteira
A um do 5.^a — o João —
Pouco dado à brincadeira.

Procurando o Director,
Diz João, quasi a chorar:
Faz favor, Senhor Doutor...
Faz favor de castigar



Os meninos Chico e António,
Que me fizeram cair,
E que após, inda por cima,
Se começaram a rir...

Logo os dois foram chamados,
E o castigo logo veio:
Ambos foram castigados
Com suspensão de recreio...

A MENINA ACANHADA

Por MARIA EMILIA BARBOSA VIANA

Ernestina devia ter nove a dez anos, pouco mais ou menos. Era bastante inteligente e boazinha mas; tinha dois defeitos, um deles de certa importância: — Era muito acanhada. O outro, mais próprio da sua idade, era ser horrivelmente gulosa! Se havia uma festa em sua casa, se vinham pessoas de fóra, logo Ernestina dava voltas e reviravoltas ao seu pequenino cérebro, procurando um esconderijo qualquer. Era em vão que a mãe a procurava.

Para a levarem a fazer visitas, era sempre uma verdadeira tragédia! Chorava, gritava e só depois de apanhar alguns açoitos se decidia, mas era sabido que se apresentava carrancuda de aspecto sombrio... Raramente esse rosto infantil, de tão graciosas linhas, esboçava um sorriso.

Tornava-se antipática, ninguém gostava dela e, em suma, eram raras as pessoas que se recordavam da sua existência. Tudo isto contribuía para entristecer a desolada mãe, farta de procurar, em vão, a forma de a corrigir.



nham-se teimosamente fechados... Volvia o rosto para a mãe, numa súplica muda, mas esta parecia nem dar por ela, toda entretida a conversar...

Quando, porém, surgiu a criada, trazendo sobre um rico prato da China, um majestoso bôlo de chocolate, com fios d'ovos, Ernestina dispôs-se a vencer a sua timidez. Não hesitou mais, tudo lhe era já preferível a ter que se privar de tal doce... A sua voz, embora vacilante e trémula, fez-se ouvir, finalmente!

— «Madrinha, posso tirar uma fatia do bôlo?»

— «Podes, sim, meu amor; olha, toma lá esta...» e cut-lhe uma das de pior aparência. Mesmo assim, soube-lhe bem; mas não se satisfiz. A sua voz, desta vez mais firme, de novo se fez ouvir:

— «Madrinha, se faz favor, dá-me, também, um pedacinho daquele de chocolate e fios d'ovos?»

— «Aqui tens!» Exclamou a madrinha, sorrindo, satisfeita.

Como Ernestina se tornasse mais sociável, umas senhoras, que estavam próximo dela, ofereceram-lhe várias outras coisas e, no final do «chá», já a Ernestina se sentia «à vontade», conversando animadamente sobre assuntos próprios da sua idade, mas que não deixavam de revelar um certo espírito, mesmo bastante graça... A despedida, todos lhe fizeram festas e Ernestina regressou a casa mais alegre do que habitualmente.

— «Minha filha, a lição que a tua boa madrinha te deu hoje, foi excelente! Não basta viver! É preciso saber viver... E saber viver consiste em ser-se agradável aos outros! Mostrarmos boa cara, manifestarmos, com delicadeza, os nossos desejos... Assim atrairemos simpatias, até mesmo amizades que nos serão sempre preciosas no decorrer da vida. Ernestina, prometes não tornar a fazer má figura?»

— «Oh, sim, mãzinha querida, prometo! Já sinto até vergonha de ter sido tão acanhada...»

Como quere a Mãzinha que eu me esqueça das torturas por que passei, vendo todos a saborear tão apetitosos bôlos, menos eu?!»

A FORÇA DE MUITOS...

O conto que publicámos, no nosso penúltimo número, com o título acima, não é original de José Julio Valério Rodrigues. Foi extraído do livro: — *Fábulas e historietas*, do ilustre poeta Acácio de Paiva, onde se encontra sób o título: — *Coragem de muitos*. Que o seu verdadeiro autor nos releve o lamentavel êrro.

ANEDOTAS

Mamã, olhe como o Carlos é mau.

Quere apanhar uma môsca para matá-la.»

— «E tu queres que ela viva, não é, filho?»

— «Não, mamã. Quero matá-la eu.»



Naquele dia, depois duma misteriosa troca de impressões com a mãe de Ernestina, a madrinha desta, convidou-a para uma grande festa em sua casa.

— «Ouve, Ernestina, vais hoje a casa da tua madrinha, a um chá de grande cerimónia. Só comerás o que te oferecerem, ouviste? Se quizeres mais, terás que pedir a dona da casa. Se tiveres acanhamento ou preguiça de abrir a boca, limitar-te-ás ao que te derem...»

— «Eu?! Falar no meio de tanta gente?! Isso não, mãzinha! Prefiro, mil vezes, não comer nada!»

A mãe sorriu-se e nada respondeu.

O salão do chá estava, na verdade, deslumbrante! Ernestina ficara surpreendida ao vislumbrar a mesa, artisticamente decorada com flôres, cristais, pratas, porcelanas finíssimas e repleta dos mais variados e apetecíveis doces, bem capazes de tentarem o menos guloso, quanto mais a ela! Dera-se, porém, um caso extraordinário! A criada apenas lhe servira uma chávena de chá... Todavia os restantes convidados iam, gostosamente, saboreando os pasteis, os doces de ovos, os bombons e mil outras gulodices. Os pobres olhitos de Ernestina iam-se abrindo cubiçosos, como que implorando misericórdia, mas os lábios manti-

A TEIA DA ARANHA BOTÃO DE BOTA

Par VIRGINIA LOPES de MENDONÇA
Desenhos de A. CASTANÊ

NO meio da sua teia, entregue aos trabalhos dos casulos e ninhadas, a senhora Aranha Cabeça de Manha passava a vida sedentária de tódas as aranhas caseiras.

Construira a teia num sítio cheio de humidade, esplendido para a sua saúde e onde abundavam mósca e insectos.

Mas nem tudo na vida lhe corria à maravilha!
Uma preocupação a consumia!

A sua filha, a Aranhilha Botão de Bota — assim chamada pela sua figura e pretidão — era a vergonha da família.

Se há bichos caprichosos na perfeição dos seus trabalhos são as senhoras aranhas. Calculem, pois, que desgosto não tinha a Cabeça de Manha, ao ver que a filha não sabia fazer a sua teia, que é, como quem diz, a sua casa!

Que futuro seria o daquela infeliz?!

Quem havia de querer casar com semelhante desmazelada?!

Já nenhum aranhicho casadoiro se chegava a ela!

Também nenhuma mosquinha se prendia naqueles fios bamboleantes da mal feita teia e a Botão de Bota vivia à custa da mãe, porque não se pôdia manter sòzinha.



Morreria, se a Cabeça de Manha não lhe valesse com algum insecto!

Este estado de cousas apoquentava a pobre mãe que não sabia como educar a filha, quando, uma vez, viu um anúncio no Diário das Aranhas que muito a animou.

Uma senhora professora, Dona Aranha Sabichona, propunha-se a ensinar na perfeição às meninas Aranhilhas a difícil arte das teias.

Assegurava que tódas as ralaças e mal jeitosas saíam, das suas patas, activas e habilidosas.

Logo a Cabeça de Manha mandou chamar a tal professora e encarregou-a da educação da Botão de Bota. Por esse serviço tinha de fazer uma fortuna, uma data de pernas e cabeças de mósca moscatel que é o petisco mais apreciado no reino das aranhas.

Mas o seu coração maternal estava pronto a todos os sacrifícios!

Então, num canto da adega, usando de tódas a sua ciência, Dona Aranha Sabichona encetou o ensino da Botão de Bota.

As primeiras lições foram um suplício para a discípula!

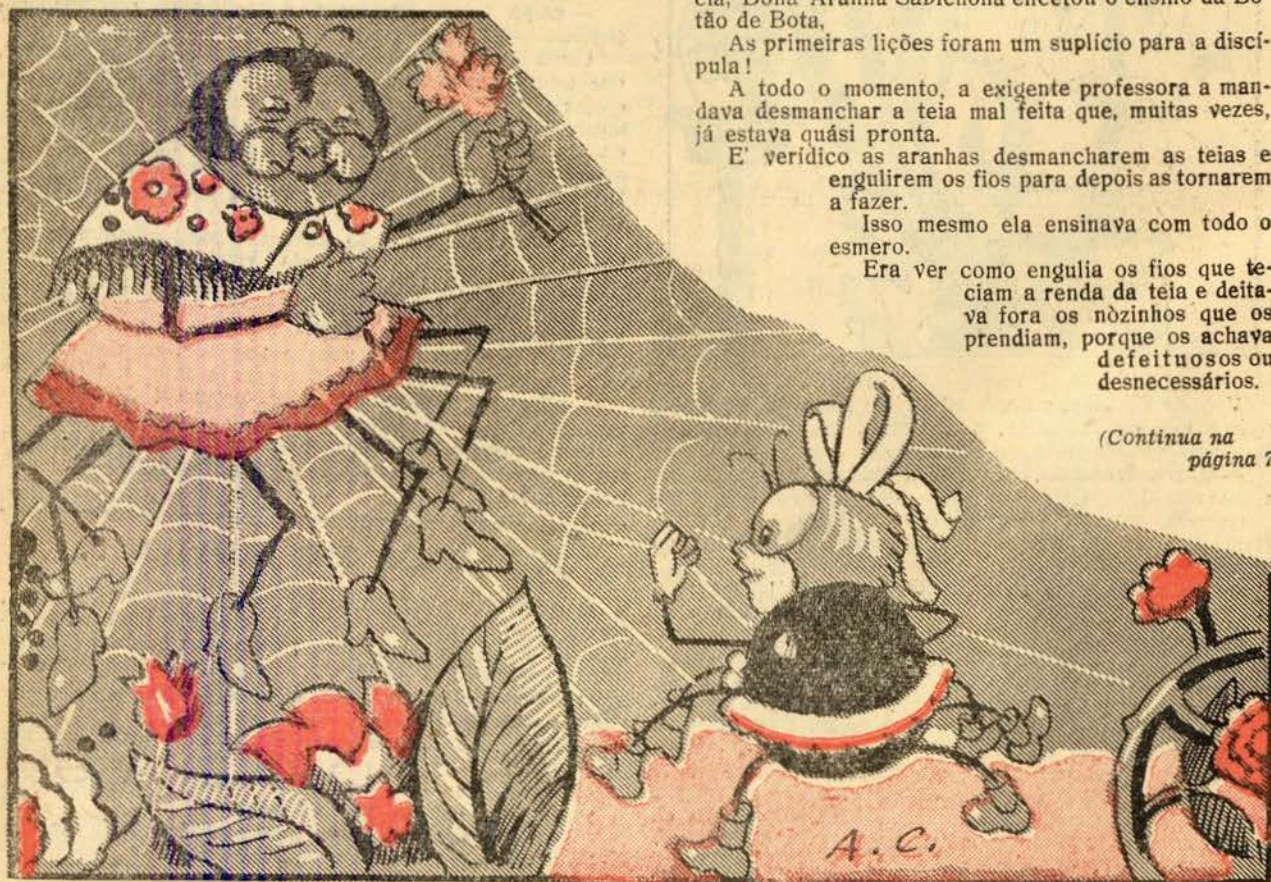
A todo o momento, a exigente professora a mandava desmanchar a teia mal feita que, muitas vezes, já estava quási pronta.

E' verídico as aranhas desmancharem as teias e engulirem os fios para depois as tornarem a fazer.

Isso mesmo ela ensinava com todo o esmero.

Era ver como engulia os fios que teciam a renda da teia e deitava fora os nòzinhos que os prendiam, porque os achava defeituosos ou desnecessários.

(Continua na
página 7)



PERIPECIAS DE TOBIAS FILÓSOFO

POR ISABEL AREOSA
DESENHOS DE ARCINDO

Tobias-filósofo não cessava de filosofar. Um dia em que andava filosofando sobre a morte, resolveu mudar-se para o pé duma farmácia para ter os remédios mais à mão. Logo que se mudou foi, nesse mesmo dia, cumprimentar o vizinho farmacêutico e deu-lhe parte das suas apreensões.

— «Há remédios que são um travão à morte. Deve-se viver perto das farmácias. A demora dum medicamento pode originar a perda duma vida. Foi por isso que vim viver para o pé de V. Ex.ª...»

Fez uma vénia e tirou o chapéu. O vizinho farmacêutico, mal imaginando que passaria a ser uma vítima da filosofia de Tobias-filósofo, antevendo nêlo um freguês dos mais rendosos, desvaneceu-se em mesuras e salamaleques:

— «As suas ordens, senhor Tobias,

ceutico fechou a porta da farmácia e recolheu-se ao seu quarto que ficava por cima no primeiro andar.

O movimento das ruas começou a diminuir. As luzes foram-se apagando nas moradias.

Reinava, por fim, no bairro o maior silêncio.

Soaram as badaladas das duas horas da noite... das três... das três e meia... e o farmacêutico acordou sobressaltado.

Alguém batia, furiosamente, à porta! Quem seria àquela hora da noite! O farmacêutico sentou-se na cama e escutou:

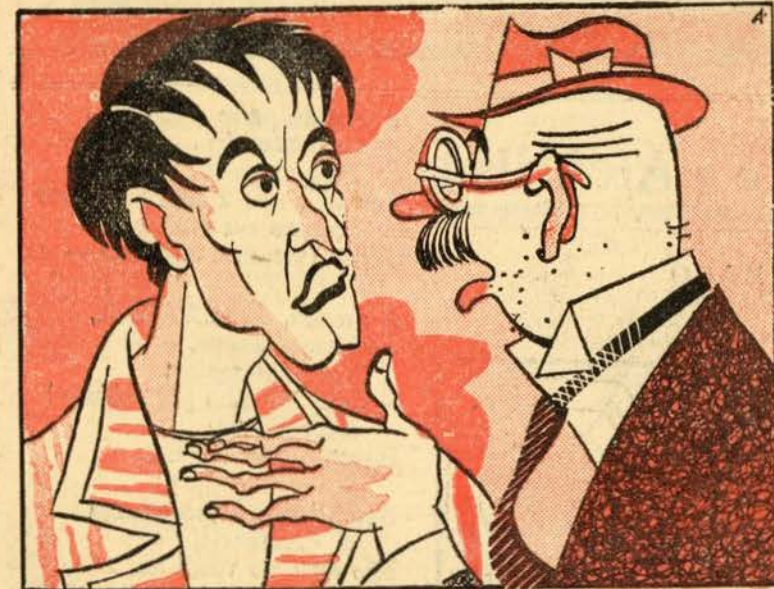
— «Veneno!!!... Veneno!!! — gritava uma voz angustiada. — Acuda-me! Vá-lha-me nesta aflição!»

Enfiou os chinelos, deitou pelos ombros um roupão e, num salto, achou-se na farmácia, abrindo a porta ao desgraçado que vinha pedir o seu auxílio. Deu de cara com Tobias-filósofo.

— «O senhor Tobias... mas, então, o que...?»

— «Veneno!!!... Veneno!!!...» — vociferava Tobias-filósofo.

O farmacêutico, atrapalhadíssimo,



às suas ordens para o que fôr preciso... Disponha sempre do meu limitado préstimo...» — retorquiu, sorridente,

— «Não faltarão ocasiões... não faltarão ocasiões...» — gaguejava Tobias sorridente, também, pelo amável acolhimento do farmacêutico.

Anoiteceu. Fez-se escuro como breu. Os amigos da palestra, haviam-se retirado para as suas casas. O farma-



agitava-se, sem saber por onde começar.

— «Depressa... depressa...» suplicava Tobias-filósofo.

— «Trata-se já disso... (Ia dizendo o farmacêutico.) Mando a criada buscar o médico... e, entretanto, vou preparar-lhe uma lavagem ao estômago...»

— «Para quê?» — interrogou Tobias-filósofo, deixando de vociferar.

— «Ora essa, para o salvarmos!»

— «De quê?»

— «Então, o senhor não ingeriu veneno?»

— «Ninguém lhe disse isso, senhor! Eu não tomei veneno algum! Venho é pedir-lhe veneno para matar os ratos que andam lá pela casa para onde me mudel e que, logo, na primeira noite, não me têm deixado pregar olho!»

Na noite seguinte, eram, também, já três horas da noite, quando o farmacêutico ouviu abanarem desesperadamente a porta.

Estava com um sono que nem podia abrir os olhos. Mas os sacões à porta, eram de tal formá enérgicos que o infeliz farmacêutico não teve outro remédio senão levantar-se.

(Continua na página 7)



O CESTINHO DA COSTURA



SECCÃO PARA MENINAS—Por ABELHA MESTRA

Queridas Abelhinhas :

«Mimi», a linda boneca de Manuela, cedeu, com tôda a sua boa vontade, o fatinho, tão simples e gracioso, que hoje reproduzimos, para servir de modelo às vossas queridas bonéquinhas.

Comecem, pois, a trabalhá-lo e verão como êle se concluirá rapidamente.

Feito em flanela branca, com florinhas encarnadas, já de si fica bastante vistoso para dispensar qualquer outro bordado.

Sòmente o decote e as mangas são terminados com um ponto cadeia, feito em «filoselle» encarnada.



VOSSA ABELHA MESTRA

O BICHO de SEDA e a ARANHA

Por JOSINO AMADO

O bicho da sêda, um dia,
Em que tecia
O seu casulo,
Vendo a aranha, que se enleia
Urdindo a teia,
Disse-lhe fulo:

— «Vizinha aranha,
Porque tamanha
Canseira leva a imitar
Este meu fio
Tão luzidio
Como as pérolas do mar?

Pois não sabe?!... O seu tecido
Logo é varrido
Por quem o vê com horror!
O meu é bem desejado
E recamado
De oiro e joias, um primor!

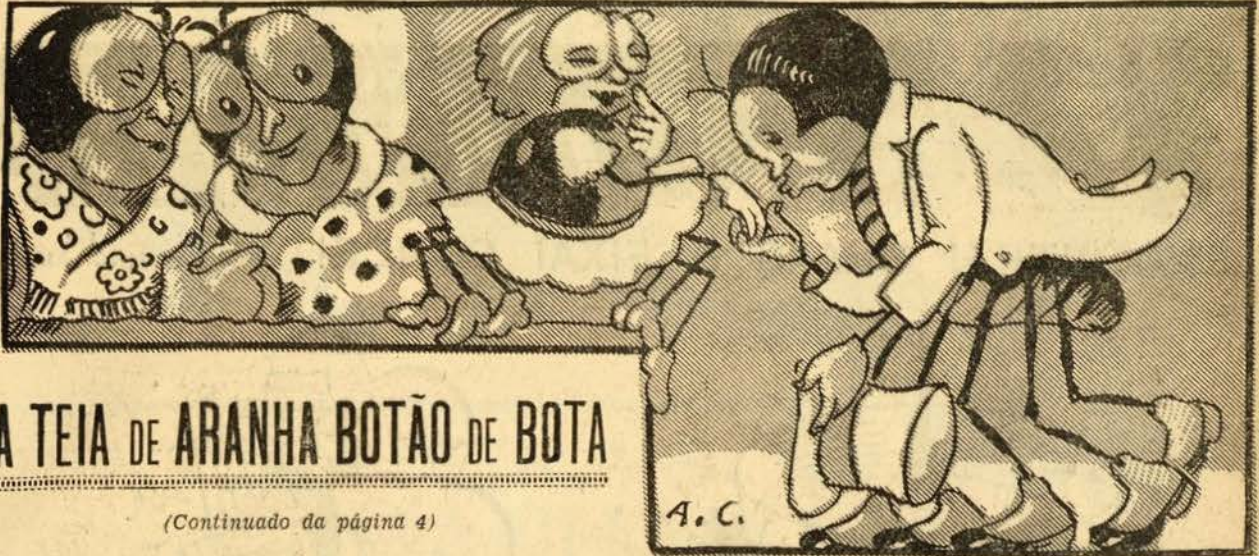


Ponha de parte êsse ofício
Sem benefício
Para ninguém.
Por mais que a amiga se mate
Sempre em remate,
Terá vassoura e desdém.» —

A aranha, de razão plena,
Firme, serena,
Volve-lhe assim:
— «Não trabalho por vaidade!
Necessidade
Do meu labor é o fim.

Não o imito. Concorrência
A' excelência,
Não faço, do vosso fio.
Se prendo pelas paredes
As minhas redes,
E por caçar passadoio.

Com fervor, tino,
O meu destino
Vão tecendo os dias meus,
Faço na Terra
A's môscas guerra.
Cumpro a vontade de Deus!



A TEIA DE ARANHA BOTÃO DE BOTA

(Continuado da página 4)

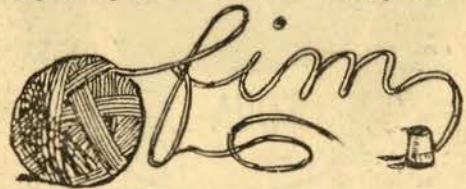
Em seguida, pachorrontamente, escolhia outro sitio e tornava a aproveitar o mesmo fio para começar nova teia. Não deixava passar nem malhas caídas, nem fios pouco apertados.

Por fim, ao cabo duma semana, a Botão de Bota tornara-se uma eximia tecedeira e a Cabeça de Manha deu por bem empregadas tantas pernas e cabeças de mósca, em troca da educação primorosa da sua menina.

Puzeram, então, em exposição, a primeira teia da Botão de Bota e o sucesso foi tal que um aranhão, dos mais catitas, a pediu logo em casamento.

A Botão de Bota era, agora, considerada, no reino das aranhas, como a melhor dona de casa — de teia já se deixa

ver — e o aranhão nunca teve de se arrepender de a ter escolhido para sua companheira. Passou vidinha regalada, porque na aperfeiçoada teia da Botão de Bota caía o melhor mosquêdo que ela dedicava ao seu querido aranhão.



A N E D O T A S POR MANUEL FERREIRA

— «Mamá, com que mão se mexe o café?»

— «Com a direita, Antóninho.»

— «Não percebo. O papá disse que era com a colher.»

* * *

O professor, num exame:

— «Vou fazer-te só uma pergunta. Quantos livros tem a Biblioteca de Mafra?»

— «A mesma quantidade que tem a Biblioteca de Bruxelas?»

— «E a de Bruxelas?»

— «Perdão — (respondeu o aluno) — O senhor doutor disse que só fazia uma pergunta...»

* * *

— O editor:

— «Só vendo o seu trabalho é que poderei fazer o orçamento.»

— «Calha bem, — respondeu o advogado — eu ainda nada escrevi...»

* *

A D. Ana encontrou Calino, parado à beira dum passeio. Preguntou-lhe:

— «Então não passas, Calino?»

— «A mamá disse para eu esperar que passassem os automóveis e, até agora, ainda não passou nenhum.»

PERIPÉCIAS DE TOBIAS FILÓSOFO

(Continuado da página 5)

— «Algum caso urgente...» — pensou. Desceu, pesadamente, a escada e, arrastando os chinelos, lá foi abrir a porta.

— «O senhor Tobias outra vez?!»

Tobias-filósofo nem lhe respondeu. Passou-lhe pela frente e foi direitinho à balança. Subiu para ela e pesou-se. Então, virando-se para o farmacêutico atônito, exclamou:

— «Bem me parecia a mim! Perdi 125 gramas desde que moro nesta casa para onde me mudei ante-ontem!»

Na noite do outro dia, pelas quatro horas da manhã, bateram novamente à porta do farmacêutico. Mas, desta vez, ele não esteve para se levantar.

Qualquer coisa lhe dizia que era outra vez Tobias-filósofo. Virou-se para o outro lado e fez por conciliar o sono.

Mas as pancadas na porta repetiam-se e iam aumentando. O desventurado farmacêutico estava mesmo a ver que lhe arrombavam a porta. Antes que lha partissem, tratou de se levantar e chegar à janela do primeiro andar:

— «Quem é?»

Respondeu-lhe a voz de Tobias-filósofo:

— «Os amigos são para as ocasiões.»

— «Decerto...» — respondeu, estupefacto, o farmacêutico.

— «V. Ex.^a tem mental?»

— «Tenho, sim...»

— «Pois, então, aconselho-o a que o tenha bem tapado porque senão evapora-se.»

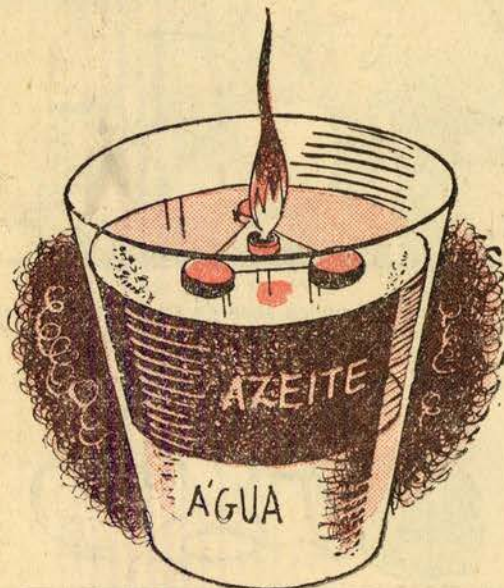
O farmacêutico é que resolveu mudar a farmácia, porque a vizinhança daquele filósofo era um empurrão para a morte. Havia já três noites que o não deixava dormir e, a continuar com aquele sistema, dava com êle no cemitério em três dias também.

F I M



OS NOSSOS CONCURSOS

ENCONTRAÍ RIMAS E FIXAÍ CONCEITOS POR JOSINO AMADO



O que viu, não se dequite
Em deformá-lo ninguém,
«A verdade é como o a.....»
Ao cimo das águas v...

E, por isso, ó bom miúdo,
Desde tenra mocidade,
Deves ser sincero em t...
Nunca faltar à v.....



—Perdizes, — (O Ti Jacinto
Diz, da caçada ao voltar,) —
Vale mais uma no c.....
Do que três mil a v.....

Menino, segue, sê esperto,
Conselho tão judicioso,
E jamais troques o c....
Pelo que fôr d.....



O Chico Arnaldo, um menino
que já tem catorze anos,

OS DITOS DA MILÚ

Por FELIZ VENTURA

é tido pelos seus manos
como o mais vivo, o mais fino.

Há dias, estavam êles
a falar sôbre os estudos,
quando o nosso Chico Arnaldo
diz com modos carrancudos:

«— O meu professor, êste ano,
Aos meus pais vai dar alarme!
Com certeza que, em francês,
Uma raposa vão dar-me.»

Logo, a pequena Milu,
que em tudo se há-de meter,
fica deveras pasmada
ao ouvir isto dizer.

E, então, ao Chiquinho Arnaldo
volve com brilho no olhar:

— «Pede antes um automóvel
para irmos passear.»

